



SOCIEDADE BRASILEIRA
DE ESTUDOS CLÁSSICOS

XXII Congresso da SBEC: “Antiguidade: Desejo e Liberdade”

2 a 6 de setembro de 2019

UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG

Grupo de Estudo “Estudos sobre o Teatro Antigo”

Mesa Coordenada de Grupos de Estudo 5

Terça-feira , dia 03/09: 14:00 às 15:30

Local: Faculdade de Letras, Bloco 1.400, sala 2041 (ex-1417)

Jaa Torrano (Doutor - USP)

Coerção e Desejo na Tragédia Grega

Nas tragédias de Ésquilo, Sófocles e Eurípides, observa-se a reiteração do padrão de situações de impasse, descritas como “jugo da coerção” (*anágkes lépadnon/zeúgmata*), que se resolvem pela transformação do escopo da coerção em objeto do desejo. Em variantes associadas à personagem de Pílates, a solução do impasse vem do planejamento de uma ação cujo risco mortal se dilui no impasse e constitui ao mesmo tempo a aceitação e a superação do impasse.

Wilson Alves Ribeiro Jr. (Doutor - USP)

O drama satírico “Ônfale”, de Íon de Quios: tradução e comentários

Íon de Quios (c. 484-422 aC), um dos mais versáteis autores da Antiguidade, competiu nos concursos atenienses com ditirambos, tragédias e dramas satíricos na época de Sófocles e Eurípides, mas nenhuma de suas obras foi integralmente conservada. Nesta oportunidade será apresentada a tradução portuguesa dos fragmentos remanescentes do drama satírico *Ônfale*, uma das poucas representações dramáticas conhecidas do mito de Hércules e da rainha Ônfale, com breves comentários sobre sua possível posição nas diversas partes do drama.

Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato (Doutora - USP)

A má conotação do novo na tragédia ática

O novo, indicado através dos termos *kainós*, *neós* e cognatos, costuma, de forma implícita, ou explicitamente, ter má conotação nas tragédias áticas, indicando algo ruim. O pensamento grego não parecia ver o novo com muito otimismo. O novo é aquilo que se precipita no

conhecido, transtornando a ordem estabelecida. Assim também age a *týkhe*. Do ponto de vista daquele que a sofre, ou dos que dela participam, a *týkhe* costuma ser o novo, que surge como problema.

Beatriz de Paoli (Doutora - UFRJ)

Ser híbrido, ser outro: as Danaides nas "Suplicantes" de Ésquilo

As Suplicantes, representadas em torno de 463 a.C., narram a história das cinquenta filhas de Dânao, que, fugindo de sua pátria, o Egito, chegam a Argos, terra de sua ancestral Io, buscando asilo e proteção, visto que seus primos, os Egípcíades, pretendem desposá-las à força. O objetivo desta comunicação é discorrer sobre alguns aspectos da caracterização das Danaides nessa tragédia esquiliana, tendo como fio condutor o par de opostos gregos-bárbaros e procurando observar em que medida essa caracterização cria aquilo que Hartog (1980) denomina de “efeito de alteridade” e como esse “efeito de alteridade” está a serviço de uma representação majoritariamente pejorativa dos bárbaros.

Mesa Coordenada de Grupos de Estudo 9

Quarta-feira , dia 04/09: 9:30 às 11:00

Local: Faculdade de Letras, Bloco 1.400, sala 2045 (ex-1415)

Renata Cazarini de Freitas (Doutoranda - UFF)

Jocasta em três momentos: teatro grego, romano, inglês

A trama do *Édipo* de Sêneca é, na sua essência, similar à do *Édipo Tirano* de Sófocles, mas a inclinação dos personagens numa e noutra peça é muito distinta. O Édipo senequiano é um foragido do destino: tem medo, se apresenta desde o início inseguro, temeroso de ver sua sina cumprida, um homem que põe em si mesmo pouca fé. O vate Tirésias ironiza: sendo cego, deixa escapar muita coisa, a velhice o impossibilita de receber diretamente o oráculo, por isso, conduz os rituais de aruspício e necromancia para descobrir o assassino de Laio. Creonte é mais um mensageiro do que o futuro regente de Tebas: um portador do oráculo de Apolo inseguro e amedrontado com o que viu e ouviu, um portador do vaticínio de Laio horrorizado com a invocação dos mortos. Apenas Jocasta mantém-se um personagem assertivo em Sêneca, tal como na tragédia grega, com o discurso constituído em grande parte de máximas morais, mas sem as opiniões contundentes contra os vaticínios encontradas no texto de Sófocles. A frequente presença de Jocasta na cena senequiana mesmo quando ela não tem falas, apenas como tutela de Édipo, dá mais corpo ao personagem, se for essa a decisão do encenador, pois não há didascália esclarecedora a respeito. Vale observar que a entrada de Jocasta em cena é tardia na peça sofocliana. Na versão do *Édipo* de Sêneca do poeta inglês Ted Hughes, Jocasta ganha mais projeção, com um longo monólogo sobre as agruras de ser mãe de uma estirpe maldita.

Luiz Guilherme Couto Pereira (Doutorando - USP)

O que a performance pode nos dizer sobre a "Medeia"

Tomando por base os estudos de Oliver Taplin sobre a performance como elemento constitutivo de significado no teatro grego, o presente trabalho analisa as entradas e saídas de cena na *Medeia* de Eurípides para reconhecer aspectos da obra que possam escapar à observação no estudo do texto escrito.

Barbara da Costa e Silva (Doutoranda - USP)

Timão, Cnemão e a arqueologia da misantropia cômica

Nesta comunicação investigo a caracterização da personagem cômica Cnemão, o misantropo de *Dyskolos*, peça com a qual Menandro teria obtido o primeiro lugar nas Leneias de 316 a.C. A personagem, um velho e raivoso misantropo, não era original, de modo que o frescor da peça dificilmente residiria nesse ponto. O prazer não estaria necessariamente na originalidade, mas sim na familiaridade da personagem: misantropos já povoavam os palcos cômicos desde a Comédia Antiga. Desta forma, busco investigar a constituição da personagem partindo da análise de outros misantropos cômicos anteriores.

Samea Rancovas Ghandour Cunha Giraldes (Mestranda - USP)

Liberdade associada ao lugar de fala na caracterização de Andrômaca e Hermíone na peça "Andrômaca" de Eurípides

Este trabalho integra o recorte temático que vem sendo desenvolvido no último biênio pelo grupo de pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo da FFLCH-USP: "A caracterização da personagem no teatro greco-romano". O escopo aqui é perscrutar a caracterização de Andrômaca e de Hermíone na peça Andrômaca de Eurípides a partir de uma perspectiva da liberdade associada ao de lugar de fala atribuído a essas duas mulheres de acordo com sua condição presente.

Da Sessão de Comunicação 32

Quinta-feira, dia 05/09: 9:30 às 11:00

Local: Faculdade de Letras, Bloco 1.400, sala 2037 (ex-1401)

José Eduardo dos Santos Lohner (Doutor - USP)

"Tiestes" de Sêneca: crise moral e política

Em Roma, o mito dos Pelópidas tornou-se imagem emblemática das crises internas surgidas a partir do século II a.C. e agravadas na época imperial após a morte de Augusto. O *Tiestes* de Sêneca é atestadamente a última de uma série de versões dramáticas latinas desse mito, iniciada pelo poeta Ênio. Datando provavelmente do início dos anos 60 d.C., essa peça dá

relevo a ações e a imagens que refletem a crise política e moral instalada na corte em decorrência da conduta tirânica de Nero, sobretudo depois do afastamento de seu conselheiro Sêneca. O descomedimento na luta pelo poder e nas ações com vistas à destruição de adversários, aspecto central retratado no conflito entre os irmãos Atreu e Tiestes, é um fato diretamente relacionável à realidade política sob Nero. Sêneca analisa essa questão pelo enfoque filosófico-moral, fundamentado no estoicismo romano, de modo que os conflitos da ação central são mostrados como efeito da sujeição a condicionamentos passionais e são contrapostos à perspectiva de sua superação e de afirmação da liberdade interior. Sendo inviável na época imperial qualquer forma explícita de oposição, a peça indiretamente exprime oposição ideológica ao quadro político e aos valores dominantes na corte de Nero, não só pelo significado associado ao mito dos pelópidas na tradição dramática latina, mas também pela crítica moral. Para ilustrar esse conteúdo, serão destacadas algumas passagens do poema representativas dos fatos aqui mencionados.

(extraído do *Caderno de Resumos*,
pp. 21-22, 25-26, 80-81)